



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

Maria da Conceição Freire Matos

**MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA E SOFRIMENTO SOCIAL EM QUARTO DE
DESPEJO, DA AUTORA CAROLINA MARIA DE JESUS**

MENÇÃO	SS
---------------	-----------

BRASÍLIA – DF
2020

Maria da Conceição Freire Matos

**MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA E SOFRIMENTO SOCIAL EM QUARTO DE
DESPEJO, DA AUTORA CAROLINA MARIA DE JESUS**

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura, da Universidade de Brasília, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa.

BRASÍLIA – DF
2020

AGRADECIMENTOS

- Agradeço primeiramente a Deus, pai amoroso, por tantas graças e conquistas.
- A Nossa Senhora, minha mãe, por todo cuidado e proteção.
- Agradeço a minha família: meu pai Sebastião, minha mãe Raimunda e minhas irmãs Sara e Maria de Lourdes, por me darem força para nunca desistir.
- Agradeço a meus irmãos de comunidade, da 3ª Comunidade da Rosário, por todas as orações palavras de incentivo e por fazerem parte da minha história, presentes em todos os momentos.
- Agradeço a meus avós de coração, Adir e Valdir, pelas conversas, incentivos e histórias inspiradoras.
- Agradeço a minha amiga e colega de curso, Karoline Nascimento por tornar o semestre mais leve e alegre.
- Agradeço a minha chefe Silvia Filogonio por ter me motivado na escrita do trabalho.
- Agradeço a todos os alunos que com um carinho especial e mágico, fazem dessa decisão pela licenciatura, um caminho incrível, ainda que em meio a dificuldades.
- Agradeço especialmente à Professora Adriana Alexandrino por todo carinho, compreensão, orientações e conhecimentos compartilhados.

“Mamãe quando eu crescer, eu não vou beber. O homem que bebe não compra roupas. Não tem rádio, não faz uma casa de tijolo.”

(filho João José, Quarto de Despejo, 19 de julho de 1955 p. 22).

RESUMO

Resumo: Este trabalho analisa a figura da autora Carolina Maria de Jesus, no seu papel de mãe em meio aos sofrimentos vividos e relatados por ela na escrita de seu diário *Quarto de Despejo (1960)*, no que se refere à (sobre)vivência da autora e de seus filhos na favela do Canindé em SP. Forte e ao mesmo tempo doce, Carolina com seus valores observados e aprendidos com a sua mãe, transmite a seus filhos grande sabedoria por meio de suas atitudes e palavras que às vezes eram consideradas difíceis para eles, mas que mostravam uma mãe letrada que encontrava a paz que não existia na favela, na leitura e na escrita. A realidade relatada por Carolina em *Quarto de Despejo* nos anos de 1955 a 1960, de certo modo ainda está presente no cotidiano de muitas mães brasileiras, no que se refere aos sofrimentos sociais e aos problemas relacionados à educação e a falta de recursos principalmente em regiões periféricas. O objetivo do presente trabalho é reconhecer o poder humanizador da literatura de Carolina Maria de Jesus, capaz de tornar seus leitores mais humanos e também o de dar visibilidade para esse complexo papel feminino, o exercício da maternidade, sobretudo em um contexto social precário em bens, mas ao mesmo tempo, rico em sabedoria, luta e sede de mudanças.

Palavras chave: Carolina, Quarto de Despejo, maternidade, sofrimento social.

RESUMEN

Resumen: Este trabajo analiza la figura de la autora Carolina María de Jesús, en su rol de madre en medio al sufrimiento vivido y relatado por ella en la redacción de su diario *Quarto de Despejo* (1960), en torno a la sobrevivencia de la autora y sus hijos en la favela Canindé en SP. Fuerte y al mismo tiempo dulce, Carolina, con sus valores observados y aprendidos de su madre, transmite a sus hijos una gran sabiduría a través de sus actitudes y palabras que a veces se consideraban difíciles para ellos, pero que mostró una madre alfabetizada que encontró la paz que no existía en la favela, en la lectura y la escritura. La realidad relatada por Carolina en *Quarto de Despejo* en los años 1955 a 1960, de alguna manera todavía está presente en la vida cotidiana de muchas madres brasileñas, en lo que respecta al sufrimiento social y los problemas relacionados con la educación y la falta de recursos principalmente en las regiones periféricas. El objetivo del presente trabajo es reconocer el poder humanizador de la literatura de Carolina María de Jesús, capaz de humanizar a sus lectores y también de dar visibilidad a este complejo rol femenino, el ejercicio de la maternidad, especialmente en un contexto social precario en bienes, pero al mismo tiempo, rico en sabiduría, lucha y sed de cambio.

Palabras clave: Carolina, Quarto de Despejo, maternidad, sufrimiento social.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. DE MÃE PARA FILHA.....	12
3. FORÇA E DOÇURA.....	17
4. MATERNIDADE E CONTEXTO SOCIAL.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

Começo este trabalho que tratará de maternidade, da análise dos relatos da escritora Carolina Maria de Jesus, por ela escritos em *Quarto de Despejo* (1960) e *Diário de Bitita* (1977), com o recorte aqui realizado, quanto ao que chamei de “exercício da maternidade” presente nas obras. No entanto, me parece necessário e importante iniciar assim colocando a palavra “escritora” antes do nome da autora, por experienciar que muitos ainda não tem o conhecimento de reconhecê-la como escritora ou suas produções como literatura, conforme apresenta a professora Luana Barossi em seu texto “*Poéticas da Escrivência*”:

Essa abertura tem ocorrido aos poucos, pois a reivindicação do direito à escritura – e à escriturabilidade – parece ter sido ouvida tardiamente. Uma ilustração dessa extemporaneidade é o caso de Carolina Maria de Jesus. Apesar do sucesso de vendas de *Quarto de despejo* à época da publicação, a crítica passou a valorizar a obra da autora como uma produção digna de ser estudada como literatura muito recentemente (BAROSSO, 2017, p.1).

Essa afirmação de Barossi (2017) dialoga com o que apresenta Candido em “O direito à literatura”, quanto a esse reconhecimento do direito de escrever, o direito humano que um tem de escrever, escrever sobre tudo e sobre si, sobre as suas “escrivências”, como define Barossi (2017), quando Candido, em *O direito à literatura* diz:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toques poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, p.176)

O reconhecimento tardio de Carolina como escritora é uma realidade, mas passar a conhecê-la é uma oportunidade incrível, pois todas as suas produções possuem grande profundidade: seja por um samba, seus provérbios, seus diários, um

universo de fato humanizador. Quanto a esse poder humanizador, destaco ainda a busca de neste trabalho, não reproduzir os estereótipos por vezes dados a Carolina, mas de como propõe Miranda (2013), olhar para Carolina como ela sempre foi e é:

A obra caroliniana, muitas vezes reduzida a mero documento de interesse sociológico, se realiza com contornos estéticos próprios – a escrita é parte fundante de sua constituição subjetiva, pois a autora estetiza a si, cria para si identidade e alteridade, constrói sua subjetividade através da palavra escrita, tornando-se autora, narradora e personagem de si mesma (MIRANDA, 2013, p.7).

Jesus (1960, p.25) em Quarto de Despejo, diz não saber dormir sem ler: *“Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem”* Candido (2011) parece explicar essa necessidade de Carolina, quando diz:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (CANDIDO, 2011, p.177).

É no interesse por reconhecer esse direito em todos e principalmente nas produções de Carolina, que esse trabalho se fia. Porém, com um “recorte” de enxergar a autora no que chamei de seu “exercício de maternidade” e sobre essa temática, apresento essas considerações introdutórias, que justificam e esclarecem o interesse por esse tema, neste trabalho.

A maternidade é um complexo papel presente no universo feminino. A tentativa de definição da palavra mãe, engloba inúmeros fatores, que podem ser culturais, históricos, sociológicos ou antropológicos e a maternidade pode ser explicada de várias formas, o que faz com que se perceba uma aproximação do que pode ser “o ser mãe”, mas que é marcado com grande subjetividade.

De acordo com a psicóloga Maria de Jesus Correia, em *“Sobre a maternidade”* - Análise Psicológica:

A maternidade surge-nos como um fenômeno demasiado complexo, para que qualquer uma das referidas áreas de per se possa fornecer elementos

explicativos para toda a sua dinâmica. É necessário recorrer aos contributos que cada uma nos pode dar para se atingir um mais completo entendimento do fenómeno. (CORREIA, 1998, p.365)

Essa afirmativa de Correia (1998), apresenta que diante de estudos psicológicos, históricos, antropológicos, sociológicos, que investigam a maternidade, nos aproximaríamos não necessariamente de um conceito, mas de uma explicação para entender esse papel.

Ao perguntar em uma rede social *“O que é maternidade para você?”* Obtive as seguintes respostas: *“- É a coisa mais louca do mundo”, “- É ter o coração fora do peito”, “- É não ter tempo para fazer mais nada”, “- É ter vontade de fazer tudo”, “- É ser pai e mãe”, “É conseguir forças de onde não se tem para dar ao filho tudo aquilo que está ou não ao seu alcance”*. Todas as respostas chamam atenção e são de grande profundidade, mas em especial, destacaria essa última resposta, que a meu ver, se assemelha a mãe que estamos observando em Quarto de Despejo.

Analisar a maternidade na literatura, e principalmente neste trabalho, é uma busca por reconhecer como se dava a relação da autora, Carolina Maria de Jesus, com seus filhos, João José, José Carlos e Vera Eunice, diante dos problemas relatados pela autora em seu diário *“Quarto de Despejo”*, forma pela qual a autora se referia à favela, dentro da sociedade, um quarto de despejo, marcado por vários problemas e sofrimentos sociais. Dentre eles, em repetidos momentos a autora destaca a fome, presente todos os dias em seus relatos. Fome que fazia com que o humor mudasse completamente, ao conseguir vender as latas, papéis, ferros, encontrados no lixão, conseguir mantimentos oriundos de doações ou do lixo do açougue o pouco dinheiro muito suado vinha acompanhado do sentimento de estar sempre em falta.

Diante dessa realidade, Carolina começa o seu relato dizendo que era aniversário de sua filha e que ela não tinha condições de comprar sapatos para a menina que não gostava de andar descalça. Na tentativa de suprir essa necessidade ela encontra no lixo um par de sapatos, os lava e os dá a sua filha de presente de aniversário. Essa preocupação de mãe desde o primeiro relato, marca o objetivo desse trabalho que é o de analisar o exercício da maternidade da Carolina Maria de Jesus em sua obra *Quarto de Despejo*.

Quando se fala do papel de mãe, pensa-se no papel de filho, Carolina antes de ser mãe foi filha, e diante disso, a primeira parte do meu trabalho apresenta a relação entre a autora e sua mãe, no que diz respeito aos sofrimentos vividos por ela desde a sua infância, quando ouvia desde muito cedo, palavras duras e preconceituosas de sua mãe e de seus vizinhos, e também os valores e atitudes que a autora aprendeu de sua mãe nas suas vivências com ela, relatadas pela autora em sua obra “Diário de Bitita”. Os trechos analisados dessa relação mãe da autora e ela como filha, primeira parte deste trabalho, foram extraídos dos capítulos “Infância” e “Cultura”, pois são marcantes os diálogos entre mãe e filha, de modo especial no capítulo “Cultura” em que Carolina é presa por estar lendo a obra “Os Lusíadas”, na qual ela havia sido acusada de estar lendo o livro de “são Cipriano” e sua mãe vai presa também ao tentar defender Carolina diante da prisão injusta. Na cadeia mãe e filha sofreram humilhações, eram espancadas e um dos relatos bem fortes é o da tentativa da mãe de Carolina, protege-la dos golpes do soldado, que quando o soldado vai golpear a autora, sua mãe coloca o braço na frente e o soldado quebra o braço da mãe que acaba desmaiando e Carolina continua sendo espancada pelo soldado.

Este trabalho analítico dos trechos das obras de Carolina, Quarto de Despejo e Diário de Bitita, apresentam a força e ao mesmo tempo a doçura de gerações de mulheres que educaram seus filhos a sua maneira e ansiavam por melhorias sociais. Carolina tinha esperança de São Paulo ser um paraíso, mas na verdade, ela e seus filhos viviam no que ela nomeou de “quarto de despejo” da cidade.

A autora em Quarto de Despejo, relata encontrar a paz que não existia na favela na leitura e na escrita, se mostra uma cidadã consciente de tudo que passava a sua volta, conversava sobre diversos temas voltados para o governo assim como, foi uma mulher que buscava resolver os problemas de violência constantemente presente na favela com relação à sua vizinhança. Carolina foi uma mãe que se preocupava com o fato de precisar sair para catar papel e deixar seus filhos sozinhos, ainda mais porque eles eram maltratados pelos vizinhos e quando eles já estavam maiores ela os levava consigo para que seus filhos não se corrompessem com às más condutas presentes na favela.

A maternidade e o sofrimento social presentes na favela na época da autora ainda estão no cotidiano de muitas mães brasileiras que também sofrem com a falta de recursos, sobretudo em épocas difíceis como com a escrita desse trabalho no momento crise da pandemia do Covid – 19 no Brasil e no mundo, considerando que

algumas favelas em meio a uma pandemia não tinham água, essencial para a higiene das pessoas que ali vivem. As preocupações com quem deixar os filhos pequenos para procurar trabalho, também são muito recorrentes, pois as creches públicas não dispõem de vagas para todas as crianças. A falta de alimentos, roupas e calçados também afligem muitas mães e posso explicitar esses fatos por ser moradora de uma realidade humilde e que já presenciei na minha infância esses problemas e ainda presencio com meus vizinhos. Todos esses fatores fazem com que se note uma “maternidade contemporânea” pois esses problemas sociais ainda estão presentes na realidade de muitas famílias.

Desse modo, meu trabalho busca destacar e analisar os trechos com base nos argumentos anteriormente mencionados, de modo a não querer cair nos estereótipos por vezes dados a Carolina Maria de Jesus, mas, na verdade, perceber principalmente como a literatura de Carolina, tem o poder humanizador de transformar os seus leitores, tornando-os mais humanos. A autora relata a realidade do meio social em que vive, com sábias palavras de experiências lidas e vivenciadas por ela. Mesmo em meio às dificuldades, e mesmo que as vezes a autora relate bater em seus filhos, como uma mãe que costuma ter planos para seus filhos, sonha alguns sonhos para cada um deles, no caso de Carolina, ela sonhava escrever um livro, sair da favela, ter uma casa de tijolos, e transmitiu ainda para a sua filha Vera Eunice, o mesmo sonho que sua mãe tinha para ela, de tornar-se professora. Essa foi uma das características aqui analisadas como um desejo “de mãe para filha”, uma geração de mulheres que souberam ensinar, formar caráter, ainda que em um meio tão precário, mas rico em conhecimento, sabedoria, luta e desejo de mudanças. Carolina mostra ser uma mãe forte, doce, preocupada com as causas sociais e com a realidade dos favelados, na busca de suprir e amenizar as dificuldades presenciadas por ela. Portanto, espera-se desse trabalho a troca e a discussão de conhecimentos sobre o tema, e desse modo quem sabe, servir ainda para inspirar novos trabalhos.

2. DE MÃE PARA FILHA

Analisar o papel de mãe, é perceber também o papel de filho. Antes de entrar diretamente na obra *Quarto de Despejo*, objeto de estudo desse trabalho, é interessante observar a autora na condição de filha, com a breve análise dos fatos relatados por ela em sua história de vida. Para isso, destaco alguns trechos do livro

“Diário de Bitita” que relata como foi a vida da autora desde a sua infância, para que assim no decorrer do trabalho, se possa contrastar a autora na condição de filha, quanto ao seu relacionamento com a sua mãe, e o exercício da maternidade da autora na educação de seus três filhos.

O Capítulo “Infância” do Livro Diário de Bitita, apresenta o seguinte trecho: *“Eu achava bonito a minha mãe dizer – Papai! E o vovô responder-lhe: - O que é, minha filha? Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe.”* (JESUS, 1986, p.8).

Essa fala da autora que inicia o capítulo referente a sua infância, Carolina comenta o desejo em conhecer o seu pai, pois relata que conhecia o pai do irmão dela, no entanto o pai dela, ela não sabia quem era e olhar para o tratamento de sua mãe com o seu avô, fazia com que ela ao comparar o contexto familiar de sua mãe com o dela, ela a invejasse.

Carolina deixa claro ainda nesse capítulo, quem eram as pessoas mais importantes para ela, quando diz: *“Para mim, as pessoas mais importantes eram a minha mãe e o meu avô”* (JESUS, 1986, p.8), ao valorizar a figura paterna representada por seu avô e a figura materna, por sua mãe.

Diante dessa afirmação, é interessante destacar, outro trecho que mostra desde cedo a sapiência de Carolina, sua rapidez de pensamento e sabedoria no falar, presentes em suas obras que são características dela desde bem cedo, no seguinte diálogo com sua mãe:

Um dia minha mãe repreendeu-me e disse-me:” – Eu não gosto de você!”
Respondi-lhe: “- Se estou no mundo é por intermédio da senhora. Se não tivesse dado confiança ao meu pai eu não estaria aqui.” Minha mãe sorriu e disse: “- Que menina inteligente. E está com quatro anos.” (JESUS, 1986, p.8)

Com apenas quatro anos, Carolina se mostra muito diferente ao conseguir ser rápida no pensar e no falar, quando ouve sua mãe dizer que não gostava dela, isso faz com que se perceba, além dessa característica e sabedoria pessoal, que a autora desde bem nova, vivia uma realidade familiar diferente, inclusive no que diz respeito ao seu relacionamento com a sua mãe, que às vezes lhe proferia palavras duras, além de viver também em um contexto em que os vizinhos a chamavam de feia, chata, que se Carolina fosse filha deles eles a teriam matado:

As vizinhas me olhavam e diziam: - Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu matava. Minha mãe olhava e dizia: - Mãe não mata o filho. O que a mãe precisa ter é um estoque de paciência. (JESUS, 1986, p.13)

Essa fala é interessante pois observa-se que no decorrer de sua história de vida, no tratamento com seus filhos João José, José Carlos e Vera Eunice, ainda que Carolina relatasse que batia neles, ela relata também em seu diário, que precisava ter paciência com eles porque eles não tinham culpa das situações adversas. A autora tinha no relacionamento com seus filhos uma postura diferente da de sua mãe, mas arrisca-se aqui dizer que muito de suas atitudes foram aprendidas por Carolina das observações que ela fazia da postura de sua mãe, como quando ela diz no seguinte trecho:

Minha tia Claudimira comentou: - Ela é mal-educada. Minha mãe defendia-me, dizendo que eu tinha dito a verdade. - Ela precisa apanhar! Você não sabe criar filhos. Elas iniciaram uma discussão. Pensei: A minha mãe é quem foi ofendida e não ficou ressentida. Percebi que a minha mãe era a mais inteligente. (JESUS, 1986, p.8)

Ainda na análise das atitudes presentes no relacionamento mãe e filha, no capítulo de Diário de Bitita, Infância, a autora dialoga com sua mãe e lhe conta do seu desejo de ser um homem e sua mãe lhe diz:

- Porque você quer virar homem? - Quero ter a força que tem o homem. O homem pode cortar uma árvore com um machado. Quero ter a coragem que tem o homem. Ele anda nas matas e não tem medo de cobras. O homem que trabalha ganha mais dinheiro do que uma mulher e fica rico e pode comprar uma casa bonita para morar.' Minha mãe sorriu e levou-me para a cama. Mas quando se aborrecia com os meus interrogatórios espancava-me. (JESUS, 1986, p.11)

Nesse trecho está presente um dos relatos da autora que muito observadora, diante das desigualdades vividas em seu meio que a faziam ter o desejo de ser homem e também, a parte em que ela relata que sua mãe a espancava quando se aborrecia com seus interrogatórios. Carolina conta ainda que às vezes quem a defendia era a sua madrinha de batismo, que era quem a penteava, a beijava, e que

ela pensava que ela era importante por ter uma madrinha branca. Inclusive é interessante que no capítulo de Diário de Bitita referente a “Madrinhas” ela relata que tinha três madrinhas e sobre essa relação madrinha – afilhada, a mãe de Carolina lhe dizia: “– Quando a mãe morre, a madrinha é obrigada a criar o afilhado. A madrinha é a segunda mãe. Você não pode xingar as suas madrinhas, você tem que respeitá-las.” (JESUS, 1986, p.15) Ter suas madrinhas como “mães”, fazia com que Carolina por obediência ao que dizia a sua mãe, tomasse algumas atitudes diferentes de respeito e cuidado, no trato com suas madrinhas, pois Carolina escutava a sua mãe.

Outro trecho importante que marca essa relação mãe e filha é o capítulo “Cultura”, em “ Diário de Bitita”, quando Carolina é presa por estar lendo a obra “Os Lusíadas”, após ser acusada de estar lendo o livro de “ são Cipriano”, acusada de feiticeira, e que, por estar doente e sentir-se “um farrapo humano”, sua afirmação chega distorcida aos ouvidos de um sargento que manda que seus soldados a prendessem. Sua mãe vai presa com ela ao tentar defender Carolina da injusta prisão. Na cadeia, mãe e filha sofrem sem comida, com humilhações e violência, pois eram espancadas e no relato seguinte se pode perceber a força de uma mãe ao buscar proteger seu filho:

- Dizem que a senhora sai à noite e fica vagando pela cidade. Minha mãe disse: - Ela não sai à noite. – Cala a boca, vagabunda! Voltamos para a cela. O sargento mandou um soldado preto nos espancar. Ele nos espancava com um cacete de borracha. Minha mãe queria proteger-me, colocou o braço na minha frente recebendo as pancadas. O braço quebrou, ela desmaiou, eu fui ampará-la, o soldado continuou espancando-me. Cinco dias presa e sem comer. (JESUS, 1986, p.180)

A tentativa da mãe de Carolina, em protege-la dos golpes do soldado, que quando vai golpear a autora, sua mãe coloca o braço na frente como forma de amenizar as agressões, acaba com o braço quebrado, desmaia e Carolina ao buscar ampará-la, continua sendo espancada pelo soldado, justificam a afirmativa da força e proteção de mãe.

Analisar o livro Diário de Bitita, é perceber que a infância de Carolina, foi marcada por vários sofrimentos, desconfianças, preconceitos, o que a fez inclusive querer sair, fugir de toda a situação vivida por ela naquele meio, ela pensava em São Paulo como um paraíso, que ao se deparar com a realidade da favela, se converte em

um quarto de despejo, devido a realidade que acaba por intitular a sua obra “Quarto de Despejo”.

Ainda que em meio aos sofrimentos de sua infância e história de vida, no que se refere à maternidade, destaco por último uma afirmação de Carolina em Quarto de Despejo, quando se recorda de sua mãe e diz:

Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou de concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. É por isso que eu tenho dó dos favelados. (JESUS, 1960, p.49).

Esse trecho chama atenção pois Carolina fala da sua mãe com agradecimento pela formação do caráter, ainda que devido as circunstâncias da vida, ela não tivesse conseguido realizar o sonho de sua mãe, que inclusive se tornou o sonho de Carolina para a sua filha Vera Eunice, que em um vídeo no YouTube¹, no canal Catraca Livre, Guia Negro entrevista, no qual o título do vídeo é “*Quero Carolina Maria de Jesus como literata*” Vera Eunice fala que a mãe antes de morrer escreveu uma carta em que lhe dava algumas orientações e que queria que ela estudasse, que se tornasse professora e Vera realizou o desejo de sua mãe, tornando-se professora da educação infantil. Esse desejo que passou “De mãe para filha”, é um dos valores que foram transmitidos por Carolina a seus filhos.

Desse modo, essas breves considerações a respeito da obra de Carolina, seu relacionamento com a sua mãe na Infância, a recordação de sua mãe quando adulta e os valores transmitidos de mãe para filha e seu alcance a seus filhos, são introdutórios a análise dos trechos da segunda parte do trabalho em que há a figura de uma mãe que é forte quando a fome lhe dá fraqueza e ao mesmo tempo doce diante das amarguras da vida na favela.

¹ Catraca Livre, Guia Negro Entrevista – “Quero Carolina Maria de Jesus como literata”, YouTube, 2020, Acesso em 22 de outubro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/a-hs5HUYdwQ>

3. FORÇA E DOÇURA

“Uma mulher forte, quem a encontrará? Ela vale muito mais do que as joias.”

(Provérbios, 31, 10)

A maternidade para uma mulher, muitas vezes se mostra na sociedade de uma forma romântica. Ser mãe é algo muito belo, mas ao mesmo tempo difícil, principalmente quando uma mulher se depara com a criação de seus filhos em um contexto social marcado por preconceito, discriminação e falta de recursos. Por isso, é interessante observar os trechos destacados nessa parte do trabalho, quanto aos relatos voltados para as dificuldades, quando a autora demonstra ser uma mãe forte e aqui não essa força não se trata apenas da força física, mas também emocional, e ainda, nos relatos em que ela ao mesmo tempo soube ser doce, na busca de agradar seus filhos com os recursos que ela possuía.

Carolina Maria de Jesus começa o primeiro relato de sua obra literária, contando como foi viver o aniversário de sua filha Vera Eunice, sem poder dar-lhe os sapatos que ela gostaria:

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 1960, p. 13).

pois “o custo da alimentação impede a realização dos desejos”, como diz a autora que busca suprir essa falta, presenteando sua filha com um par de sapatos que ela havia encontrado no lixo.

Carolina ao longo de seu diário, descreve a realidade da favela e como ela se insere e educa seus filhos naquele cenário: como uma mãe que procura seu filho, o encontra na rua, o repreende e o manda para casa; que acorda com a sua filha pedindo água, a obedece e sai para buscar água; mãe que busca suprir em alimento e em educação, mesmo em meio às dificuldades. Isso faz com que cada trecho do seu exercício de maternidade analisado neste trabalho, seu papel de mulher e sua força e lutas diárias, sejam visivelmente únicos e ricos em preciosos detalhes, no que

se refere às lutas sociais e a realidade feminina e complexa, que está presente na palavra que com apenas três letras tem muita força, que é ser “mãe”.

Essas atitudes maternas se percebem desde o seu primeiro relato:

Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me. [...] A minha filha Vera Eunice dizia: - Vai buscar água mamãe!” Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha. (JESUS, 1960, p. 13)

A cada relato, se nota que os dias passam, mas a realidade por vezes se repete: desigualdade social, fome e dificuldades. No relato dos dias 15 e 16 de julho de 1955, Carolina cuida de seus filhos e quando levanta “obedece” a sua filha e vai pegar água, faz o café e avisa suas crianças que aquele dia não tinha pão, e as orienta a tomarem café da manhã com o que tinha, café e carne com farinha.

Com muita sinceridade, Carolina expõe suas debilidades quando escreve estar cansada, indisposta, quando reconhece as necessidades de seus filhos ao lhe pedirem o que ela não pode dar e quando se sente insuficiente:

Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo e estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. Faz uns dois anos, que eu pretendo comprar uma máquina de moer carne. E uma máquina de costura. (JESUS, 1960, p. 14)

A autora expressa sua insatisfação diante da realidade de sua filha estar sem sapatos e não gostar de andar descalça, e nas vezes em que ela sonha comprar coisas para si, uma máquina de moer carne, máquina de costura, e não tem recursos.

Os recursos vão sendo providenciados por ela quando sai para catar papel, quando recebe doações de instituições ou centros religiosos, quando procura verduras na feira, linguiças no lixo do açougue mesmo contrariando a sua vontade pessoal:

Cheguei em casa, fiz o almoço para os meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. [...] Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte [...] (JESUS, 1960, p. 14).

Carolina se preocupa com o fato de ter que deixar seus filhos sozinhos enquanto ela sai para catar papel, orienta para que eles brinquem no quintal, para não saírem para a rua, relata suas dificuldades com a vizinhança diz ter “péssimos vizinhos” e por vezes quando volta para casa, escuta que suas vizinhas “Dona Rosa e Maria dos Anjos” brigaram com eles ou lhes fizeram alguma maldade, como quando em uma ocasião lhes jogaram fezes e ela preocupada em defender seus filhos em meio a toda essa situação:

A D. Rosa, assim que viu meu filho José Carlos começou imprecisar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As vezes eu saio, ela vem até minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. (JESUS, 1960, p.23).

É interessante observar ainda nesse relato do dia 18 de julho, que Carolina tem a força de uma mãe que busca defender seus filhos das injustiças e ao mesmo tempo, quando seus vizinhos falam da forma pela qual ela os educa, ela recebe o consolo deles:

Tem a Maria José, mais conhecida como Zefa, [...] Ela alude que eu não expanco os meus filhos. Não sou dada a violência. O José Carlos disse: ‘– Não fique triste mamãe! Nossa Senhora Aparecida há de ter dó da senhora. Quando eu crescer eu compro uma casa de tijolos para a senhora. (JESUS, 1960, p.22).

Analisar os trechos em que a autora consegue alguns momentos para ela, é outro momento de singela identificação com o papel de ser mãe, que na maioria das vezes está atarefada com as jornadas duplas, triplas, com os afazeres laborais, domésticos e com suas crianças, quando relata que sua filha está dormindo, os meninos brincando, e ela diz “aproveitei a minha calma interior para eu ler”, Carolina é a mãe que vive essa realidade de cuidar de tudo e de todos e ter raros momentos de silêncio e paz para fazer algo para si, sobretudo diante dos acontecimentos da favela. A autora fala com profundidade quando aproveita esses momentos para ler e escrever:

Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão. Fiquei contente. A perua foi-se embora. O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão. (JESUS, 1960, p. 24)

Com os comentários presentes nos trechos até aqui destacados, se pode perceber a força de Carolina diante das circunstâncias relatadas por ela na primeira parte do livro Quarto de Despejo. Mas onde se pode perceber a doçura no exercício da maternidade da autora?

No relato do dia 19 de julho de 1955, pode-se perceber a docilidade de uma mãe quando ainda que em meio a todas as dificuldades, com poucos recursos a mãe busca agradar a seus filhos construindo um balanço para eles:

Chamei o senhor Ireneo Venancio da Silva para fazer o balanço para os meninos. Para ver se eles permanece no quintal para os vizinhos não brigar com eles. Dei-lhe 16 cruzeiros. Enquanto ele fazia o balanço, eu fui ensaboar as roupas. Quando retornei, o Senhor Ireneo estava terminando o balanço. Fiz alguns reparos e ele terminou. Os meninos deu valor ao balanço só na hora. Todos queriam balançar ao mesmo tempo! (JESUS, 1960, p. 19).

Essa foi uma forma encontrada por ela para buscar driblar as constantes brigas e queixas que os vizinhos lhe faziam quanto ao comportamento de seus filhos.

Em meio a todas as atividades corriqueiras de uma mãe atarefada, ela vai fazendo tudo ao mesmo tempo, aguarda o balanço ficar pronto, prepara o almoço, arruma seu barraco, lava suas roupas e ainda tem o cuidado de levar seus filhos para tomarem sol e os leva consigo quando ela precisa sair para vender latas.

Fechei a porta e fui vender latas. Levei os meninos. O dia está cálido e eu gosto que eles receba os raios solares. Que suplicio! Carregar a Vera e levar o saco na cabeça. Vendi as latas e os metais. Ganhei 31 cruzeiros. Fiquei contente. Perguntei: -Seu Manoel, o senhor não errou na conta? – Não. Porque? – Porque o saco de latas não pesava tanto para eu ganhar 31 cruzeiros. É a quantia que eu preciso para pagar a luz. (JESUS, 1960, p. 20)

E neste trecho se nota ainda a força da autora pois ainda que seja um suplício carregar a Vera e o saco de latas, ela leva seus filhos consegue o dinheiro que ela

precisava, demonstra honestidade ao perguntar se as contas estavam corretas e ao conseguir exatamente o valor que ela precisa para pagar a luz ela sai contente.

Outro trecho ainda do dia 19 de julho que é exemplo de doçura é o seguinte:

Às vezes ligo o rádio e danço com as crianças, simulamos uma luta de boxe. Hoje comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno. E o meu João José disse: - Que mamãe boa!" Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas diz: - Que crianças mal iducadas! Eu digo: - Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. (JESUS, 1960, p. 21).

Fazer o balanço, ligar o rádio e dançar com os filhos, buscar agradar eles com o doce que eles gostam, mostram doçura e carinho, ainda que em meio às constantes dificuldades em que ela precisa defender e ser defendida por seus filhos.

O reconhecimento dos filhos é algo que chama atenção também na obra literária, pois quando pequenos os filhos tendem a não fazer ideia do sacrifício que os pais, e em muitos casos, como o aqui apresentado, da mãe, para dar-lhes o melhor possível. Quando Carolina vai ao mercado e compra marmelada para dar um pedaço para cada um deles, eles a retribuem com um olhar terno e um de seus filhos lhe diz: "*Que mamãe boa!*" (JESUS, 1960, p. 21). Ainda que a situação seja amarga com a carência dos recursos necessários, essas situações fazem lembrar que uma mãe tem o poder de adoçar a vida e ao mesmo tempo ser forte, ao escutar ingenuamente o pedido de sua filha em outro relato: "*Mamãe, vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa*" (JESUS, 1960, p. 42).

As situações vividas pela autora e seus filhos, mostram que ela não somente é provedora singular dos recursos, das necessidades básicas de cada um deles, mas também de valores, como quando em determinado trecho ela diz: "*Hontem eu bebi uma cerveja. Hoje estou com vontade de beber outra vez. Mas não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja faz falta para o essencial*". (JESUS, 1960, p. 22)

Carolina também reprova o fato de seus vizinhos darem aos filhos bebidas alcoólicas com a desculpa de que eles têm lombriga e a frase de seu filho João José apenas reforça que a educação dada por sua mãe é diferente, ao dizer no relato de

19 de julho de 1955: *“Mamãe, quando eu crescer, eu não vou beber. O homem que bebe não compra roupas. Não tem rádio, não faz uma casa de tijolo”*. (JESUS, 1960, p. 22).

Cada um dos dias relatados mostra que ela além de não se abater com as circunstâncias pois ela mesmo se considera forte quando diz, no mesmo relato do dia 19 de julho de 1955, *“Mas eu sou forte! Não deixo nada impressionar-me profundamente. Não me abato.”* (JESUS, 1960, p. 22), ela busca naquilo que está a seu alcance, dar o melhor para seus filhos e nas raras vezes em que existem opções, ela providencia o que agrada a cada filho, quando em determinado café da manhã ela diz:

Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia.” E conclui dizendo “Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna. (JESUS, 1960, p. 23).

Em vários relatos encontra-se uma mãe que mesmo querendo se deitar, se levanta, mesmo com fome, alimenta e não se deixando abater pelas adversidades, sai em busca da sua sobrevivência e escreve o que vê, o que sonha, o que sente. Percebe-se uma mãe que tem sonhos, vontade de andar sempre limpa, mas que sua realidade não a permite.

Carolina é uma mãe que como várias ainda hoje, que em determinado momento precisa levar sua filha Vera Eunice quando tinha 2 anos, com ela para catar papel. Precisando “levar o saco de papel na cabeça e a menina nos braços”, mãe que é forte, porém não é de ferro, mulher que vive suas crises quando diz: *Tem horas que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo.” [...] Refleti; preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu.* (JESUS, 1960, p. 24).

Carolina consegue expressar várias situações difíceis e sua maternidade, objeto analisado neste trabalho, é algo que a diferencia, pois diferente de todas as atitudes daqueles que ela observa, ela é uma mãe letrada, ela tem um olhar diferente com relação ao trabalho e ao estudo, quando por vezes ela defende a importância de ler, de escrever, quando em determinado momento após um dia exaustivo catando papel, ela diz no relato do dia 21 de julho, *“Esquentei comida. Li um pouco. Não sei*

dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a maior invenção do homem". (JESUS, 1960, p. 26). Quando ela expressa sua alegria ao dizer *"De manhã estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço."* (JESUS, 1960, p. 26). E sempre com os constantes desafios de em meio ao seu prazer pela leitura e escrita, ela como mãe, ter que parar em alguns momentos para repreender a seus filhos e ao mesmo tempo ser resiliente, *"Todos tem um ideal. O meu é ler"* (JESUS, 1960, p. 27).

Outro ponto pelo qual a atitude da autora é aqui destacada é a relação que ela mantinha com os homens que se interessavam por ela quando em determinado trecho, um deles pede para que ela vá ao quarto dele e ela diz que não vai pois está escrevendo um livro para mudar a realidade dela: *Mas o meu coração não pede para eu ir no quarto dele*" (JESUS, 1960, p. 29), ou ainda quando em determinado momento ela recebe outro convite e diz que a maturidade a ensinou, juntamente com seus filhos e que um homem não entenderia uma mulher que escreve e que lê. Essas experiências representam a dificuldade e ao mesmo tempo a sua força em fazer renúncias em prol dos filhos e também a favor de si mesma e do seu objetivo maior: a publicação do seu livro. Neste ponto destaco ainda nos últimos relatos de seu livro a defesa dela com relação a seus filhos, quando ela responde com muita firmeza ao cigano que queria dormir com ela: *"Eu venho dormir aqui. Nós dois dormimos nesta cama e a minha irmã dorme no quartinho. – Eu não durmo com ninguém perto dos meus filhos."* (JESUS, 1960, p. 149).

Antes de ir para o próximo tópico analisado nesse trabalho, destaco outro trecho que na minha opinião é forte, tanto para a mãe quanto para os filhos, o medo das crianças da mãe morrer quando ela adoece, no dia 20 de janeiro:

Os filhos estão com receio de eu morrer. Não me deixam sozinha. Quando um sai, outro vem vigiar-me. [...] “– Se ela morrer nós vamos para o juiz. O José Carlos perguntou-me se a gente vê a morte chegar. A Vera me mandou cantar. [...] O José Carlos disse-me: - Sabe, mamãe, quando a morte chegar eu vou pedir para ela deixar nós crescer e depois leva a senhora. Para tranquilizá-los eu disse que não ia morrer mais. Ficaram alegres e foram brincar.” (JESUS, 1960, p. 151).

Os trechos até aqui destacados, buscaram fazer esse contraste entre a força de Carolina, própria dela, com o seu conhecimento, da vida e das leituras que ela já

trazia, sua força representada pelas atitudes de provedora singular, educadora, cidadã e a sua doçura ao falar com os seus filhos, ainda que em alguns momentos ela batia neles, ou quando deixou seu filho para fora, quando ele demorou para voltar para casa:

O José Carlos chegou. Eu disse-lhe que não ia abrir-lhe a porta. Que dormisse na rua. Hoje eu estou descontente. O José Carlos chegou. Eu disse-lhe que não ia abrir-lhe a porta. Que dormisse na rua. Ele sentou-se nos degraus. Depois começou a chorar. Resolvi abrir-lhe a porta. Era 2 horas. Dei-lhe bando, esquentei comida para ele, ele foi deitar-se. Eu não adormeci porque estava supernervosa. (JESUS, 1960, p. 150).

Mas Carolina, mostra com suas palavras e atitudes, que ela é uma mãe que se preocupa, que prioriza os filhos, os respeita, ela é forte para educar a cada um deles no contexto social periférico em que eles viviam e é esse exercício de maternidade da autora nesse contexto, que será analisado e comentado no próximo tópico deste trabalho.

4. MATERNIDADE E CONTEXTO SOCIAL

“Eu vim de um lugar bem louco, onde paz, respeito é pouco mas fui lá que fiz meu berço e acredito num dia novo por nada.” (Tribo da Periferia – Efeitos do Longe)

O trecho da música “Efeitos do Longe” do grupo brasileiro de hip hop, Tribo da Periferia, introduz a análise da maternidade no contexto social, pois esse trecho, desde o meu ponto de vista, se assemelha a alguns dos relatos de Carolina, no que diz respeito a falta de paz e ao desassossego constante vivido por ela e seus filhos na favela.

Carolina por vezes descreve a escassa paz diante das vivências da favela, com brigas constantes com seus vizinhos, preocupação com os maus tratos a ela e a seus filhos e as injustiças e violências presentes nesse meio, como quando ela relata que algumas pessoas que não gostavam de Carolina, colocaram fogo em seu barracão na ausência dela e foram outros de seus vizinhos que apagaram, como está

escrito no relato do dia 3 de junho: *“Um dia eu discutia com a Leila. Ela e o Arnaldo puseram fogo no meu barracão. Os vizinhos apagaram.”* Ou ainda, quando ela voltou para casa e outros vizinhos tinham queimado seus sacos de papéis:

Fiquei Horrorisada! Haviam queimado meus cinco sacos de papel. A neta de D. Elvira, a que tem duas meninas e que não quer mais filhos porque o marido ganha pouco, disse: - Nós vimos a fumaça. Também a senhora põe os sacos ali no caminho. Ponhe lá no mato onde ninguém os vê. Eu ouvi dizer que vocês lá da favela vivem uns roubando os outros. Quando elas falam não sabem dizer outra coisa a não ser roubo. Percebi que foi ela quem queimou meus sacos. (JESUS, 1960, p. 101).

Carolina relata essa realidade por vezes injusta e como ela se posiciona diante dessas circunstâncias quando diz: *“Não estou ressentida. Já estou habituada com a maldade humana. Sei que os sacos vão me fazer falta.”* (JESUS, 1960, p. 29).

É interessante observar as atitudes dela nesse contexto social pois Carolina relata que não gostava de violência, dos crimes, e por vezes ela intercedeu para que essas brigas não resultassem em tragédias, ao buscar intermediar os problemas entre os vizinhos, ao conversar com eles, fazendo acordos e quando necessário chamando a rádio patrulha:

Assim que os favelados me viram, gritaram: - Cadê a Polícia? – Já telefonei. Em 5 minutos a Radio Patrulha apareceu. Eu e a Vera entramos no carro. A Vera começou a sorrir achando delicioso andar de carro. Quando o povo da alvenaria me viram na Rádio Patrulha gritaram: - Crime na favela! (JESUS, 1960, p. 95).

A autora em sua vivência na favela se mostra sóbria ao agir, ao falar, e ao calar. Nesse trecho destacado, ela fala do sorriso da filha por andar de carro, inocentemente, sem entender o que se passava ali e ao mesmo tempo mostra a mãe que agia, conversava, buscava apaziguar as brigas ainda que as vezes fosse preciso responder também de modo a se defender e defender seus filhos.

Como educar os filhos nesse contexto? Carolina expressa em seus relatos de Quarto de Despejo, as suas preocupações com a influência do meio social em que ela

vivia e a forma que ela conversava com os seus filhos. Essa relação fica evidente no seguinte relato:

Não deixo o João sair. Ele passa o dia lendo. Ele conversa comigo e eu vou revelando as coisas inconvenientes que existe no mundo. Já que meu filho já sabe como é o mundo, a linguagem infantil entre nós acabou-se. (JESUS, 1960, p. 91).

O fato de impedir que seu filho saia para preservá-lo da realidade à sua volta é uma das estratégias de Carolina e nesse mesmo relato ela explica o porquê, ao relatar o que ela havia dito a seu filho:

Disse-lhe que enquanto nós residirmos aqui na favela ele não há de brincar com mais ninguém. Antes eu falava e ele revoltava. Agora eu falo e ele ouve. Eu pretendia conversar com o meu filho as coisas serias da vida só quando ele atingisse a maioridade. Mas quem reside na favela não tem quadra de vida. Não tem infância, juventude e maturidade. (JESUS, 1960, p. 91).

Carolina é a mãe que desde cedo precisa de certo modo amadurecer seus filhos, já que na favela eles estavam expostos a todos os conteúdos, independentemente da idade, mas ela transmite a seu filho a importância de estudar e o orienta nesse mesmo relato do dia 12 de julho: *“O meu filho, com 11 anos já quer mulher. Expliquei-lhe que ele precisa tirar o diploma de grupo. E estudar depois, que o curso primário é muito pouco.”* (JESUS, 1960, p.91).

A autora é a mãe que precisa proibir seu filho de brincar, para que ele não sofresse com as más influências, ela coloca o filho para ler, ela acompanha, ela sofre com os maus tratos dos vizinhos e com os falsos julgamentos o leva consigo para catar papel, sofre por precisar deixar seus filhos sozinhos.

É interessante notar que a realidade do ano de 1955 se reflete no ano de 2020, quando parece que Carolina conta a história de muitas mães brasileiras, sobretudo das que vivem em lugares mais vulneráveis. Mães que também saem para trabalhar com a preocupação de não ter com quem deixar seus filhos por não conseguirem vagas em creches, quando não se têm na verdade creches públicas suficientes para as crianças de forma a possibilitar a mulher estudar ou trabalhar. Como faltavam vários recursos aquela época, muitos traços do que Carolina descreve

ainda são muito contemporâneos. É difícil não se identificar com a autora, não achar que ela está descrevendo a minha história, ou a história de alguém que eu conheço, descrevendo a minha realidade em sociedade, “a favela atual” e isso se dá porque Carolina conta muito de cada um de nós.

Os problemas com a vizinhança são recorrentes, e dentre eles os próprios problemas, oriundos da desigualdade, de estar dentro de um cenário de violência, em que Carolina às vezes intervém para que a situação se amenize e ao mesmo tempo relata sua preocupação diante da realidade que seus filhos presenciam, escutando palavras de baixo calão e desabafa seu desejo de se mudar para outra realidade, para uma casa de tijolos se pudesse. *“E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente.”* (JESUS, 1960, p. 16).

Esses trechos em que a autora fala da sua vontade de mudança são também muito contemporâneos pois se assemelha ao desejo de várias mães preocupadas com a educação de seus filhos em meio a situação de violência da favela, das regiões periféricas, dos jovens com baixa escolaridade, onde se tem alto índice de evasão escolar e a falsa ideia de que a única forma de conseguir uma ascensão seria a de recorrer à criminalidade.

Dentro do cenário da maternidade em meio aos sofrimentos sociais, uma parte que chama atenção é da autora que se chateia com a pergunta de sua vizinha que quando a vê estendendo roupas lhe pergunta se ela está grávida:

Fui torcer as minhas roupas. A D. Aparecida perguntou-me: A senhora está grávida?” – Não senhora – respondi gentilmente. E lhe chinguei interiormente. Se estou grávida não é de sua conta. Tenho pavor dessas mulheres da favela. Tudo quer saber! A língua delas é como os pés de galinha. Tudo espalha. Está circulando rumor que eu estou grávida. E eu, não sabia! (JESUS, 1960, p. 15).

O que a autora relata que a deixa chateada é a fofoca criada entre as vizinhas de que ela estaria grávida, mas a gravidez, gestar uma criança, um sonho, uma profissão, um desejo, parece ser algo que expõe a mulher a críticas externas e que chega ao nosso interior como algo que machuca, perante tantas lutas que precisam ser enfrentadas cotidianamente ainda mais quando tudo que se tem é a falta de tudo.

É por intermédio da escrita que Carolina se expressa, desabafa quanto a realidade da favela, sonha, e o fato de Carolina escrever chama atenção de alguns de seus vizinhos que às vezes paravam para conversar com ela, saber o que era que ela estava escrevendo e ao lhes dizer que escreve sobre tudo, sobre “Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana”, (JESUS, 1960, p. 24), faz com que se perceba que o processo de humanização que ocorre por meio da literatura alcança aos que estão a sua volta, pois é uma possibilidade de em suas “escrevivências” (Barossi, 2017) ao denunciar as injustiças cotidianamente vivenciadas, pois passa a dar e a ter voz dentro de uma sociedade desigual.

Desse modo, todas as diferenças presentes nas atitudes da autora, sua insatisfação com relação à favela, seu desejo de mudança, de viver com seus filhos uma nova realidade, mostram uma mãe que em seu exercício de maternidade, valorizava as crianças ao invés de fazer como suas vizinhas faziam com ela, enfrentando seus filhos, ela como adulta, ainda que fosse ofendida com os comentários “ Está escrevendo, negra fedida” (JESUS, 1960, p. 28), no exercício de sua maternidade, ela foi educadora ainda que expressasse suas insatisfações pela não educação dada às crianças por parte das outras mães que ali viviam.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer esse recorte da maternidade na obra de Carolina foi um exercício diferente. Ler as obras e entender a profundidade das palavras dela foi uma experiência única. A maternidade ainda que dentro de toda a precariedade tem uma função linda dentro de uma família e fundamental dentro de uma sociedade. Continuo com a tentativa de buscar não romantizar a maternidade, mas não me é possível finalizar sem enxergar a beleza que existe ainda que dentro do caos.

Talvez nessa última parte do trabalho, eu tenha me aproximado mais ao conceito que eu busquei de maternidade lá no início, ainda que dentro da subjetividade mencionada. Ser mãe, em minha leitura de Carolina, em *Quarto de despejo (1960)*, é ser forte, é ser doce, é aplicar um filtro, mas passar o que recebeu de sua própria mãe para a sua filha. É querer acertar, ainda que errando muitas vezes. É respeitar a si mesma, é respeitar seus filhos, é ter um olhar crítico com relação à realidade, é indignar-se com as injustiças, mas também é cantar pelas ruas catando papel. É sentir fome, mas é acreditar no propósito de conseguir mudar a sua realidade, sendo melhor.

É saber filtrar suas palavras, mas ao mesmo tempo saber responder à altura provocações torpes. É saber educar, é não dormir sem ler, é escrever, é publicar. No início do trabalho apresentei trechos das afirmações de Candido (2011), quanto ao direito à literatura, à escrita, acredito que ser mãe é também ter o direito de humanizar.

A literatura de Carolina humaniza pois como antes comentado, lê-la me fez perceber a minha realidade e enxergar a realidade que ainda perpassa os meus. Não sou da favela, mas no núcleo rural em que vivo, não ter sapatos para dar aos filhos é uma realidade, repartir a comida entre todos, se preocupar com o que haverá no jantar, é onde eu considero que está o que identifiquei como “contemporaneidade” na maternidade.

Este trabalho foi escrito em 2020, época em que o Brasil e o mundo se depararam com a crise do Covid-19, e na segunda maior favela da América Latina, Pôr do Sol/Sol Nascente-DF, ler os relatos de Carolina, parecia ler a realidade apresentada nos telejornais, com famílias que ficaram sem alimentos, favelas brasileiras que não tinham água em plena pandemia, pessoas que contaram com o apoio de projetos sociais e instituições de caridade para conseguir sobreviver. Em todas essas circunstâncias, se pode perceber que o país ainda precisa evoluir bastante, pois de 1955 para 2020, o desejo de Carolina de extinguir as favelas, infelizmente ainda se mostra como uma realidade distante.

Notar as falas dos filhos de Carolina, diante das atitudes da mãe, o desejo deles de ter uma casa de alvenaria, é também algo contemporâneo e pelo qual eu me identifiquei na leitura e escrita desse trabalho, porque eu como moradora de uma região mais vulnerável, cresci com o desejo de recompensar meus pais pelas “forças e doçuras” que eles vem tendo até hoje na minha criação de na de meus irmãos.

Por fim, defendo uma vez mais a escritora e as obras literárias neste trabalho analisadas, que emocionam, humanizam, fazem com que se reflita um melhor contexto social, mas que principalmente, reforçam a importância de valorizar as obras literárias como um retrato da sociedade, pois creio que essa separação do que é “sociológico e do que é literário” abre uma larga discussão quanto a possibilidade dessa separação, quando um escreve e compartilha muitas vezes aquilo que se passa com influências externas, dentro da sociedade, e internas, de como o indivíduo está fazendo a leitura da sociedade em que vive, suas “escrevivências” (Barossi 2017). Desse modo, como Carolina disse em um de seus Provérbios (1963, p.37), *“A única coisa que a mulher sabe amar com ardor é o filho.”* Eu finalizo esse trabalho

reconhecendo a figura dessa mãe que amou e a mulher que leu, escreveu, publicou, e nos deu a oportunidade de conhecermos muito a respeito de nós, ainda bem.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAROSSO, Luana. *(Po)éticas da escrevivência*. Scielo, Brasília, mai./ago. de 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182017000200022&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 20/08/2020.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5. ed. 2011. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf>. Acesso em 21/08/2020.

Catraca Livre, Guia Negro Entrevista – “Quero Carolina Maria de Jesus como literata”, YouTube, 2020, Disponível em: <https://youtu.be/a-hs5HUYdwQ> Acesso em 22/10/2020.

CORREIA, Maria de Jesus. *Sobre a Maternidade, Análise Psicológica*, 1998, 3 (XVI): 365 – 371. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v16n3/v16n3a02.pdf> Acesso em: 22/8/2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Edição Popular, São Paulo, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Coleção Contrastes e Confrontos, Editora Paulo de Azevedo LTDA., São Paulo, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. *Provérbios*, 1963. Acesso em 10/12/2020. Disponível em: <https://www.dropbox.com/sh/e67jbpvtzxv3azi/AABpolBjwhfawXw8LbXG8Koa?dl=0&preview=1963+-+Proverbios+-+Carolina+Maria+de+Jesus..pdf>

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de, *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética*, São Paulo, 2013.

